



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Gazeta de Piracicaba

Data: 08/11/2009

Caderno / Página: CIDADE / 6

Assunto: Estudo pioneiro

Estudo pioneiro

Gases do efeito estufa Levantamento é considerado tão importante que servirá de base para o Brasil, na Conferência na Dinamarca

LUCIANA CARNEVALE

Especial para a Gazeta

Passados 15 anos do último inventário realizado no País sobre a estimativa de emissão de Gases do Efeito Estufa (GEE), no território nacional, um grupo de cientistas piracicabanos, coordenado pelo professor-titular do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), Carlos Clemente Cerri, dá o exemplo e atualiza informações de grande relevância, que servirão de base para a tomada de decisões, em relação ao meio ambiente e aquecimento global, na próxima reunião da Conferência das Partes (COP 15), marcada para dezembro, em Copenhage, Dinamarca. O País é um dos maiores emissores de GEE do mundo.

O estudo dos piracicabanos, que revela situações preocupantes, como, por exemplo, o aumento de 26% de emissão de gases no período de 1990 a 2005, com o gás carbônico responsável por 72,3% do total, funcionará como a palavra final brasileira sobre o tema.

O 'selo de autenticidade' do escopo foi outorgado pelo Ministério do Meio Ambiente, que reconheceu o estudo como de grande importância. Recém-publicado na revista científica da Universidade de São Paulo (USP), 'Scientia Agrícola', número 6, volume 66, o levantamento durou um ano para ser finalizado.

Segundo o documento, confeccionado por piracicabanos, que desperta grande interesse em setores acadêmicos, produtivos e governamentais, a pecuária é o setor que merece maior atenção, justamente por estar disseminada no Brasil. Tudo nasceu, de acordo com o professor Cerri, que concedeu entrevista à Gazeta, da vontade de os especialistas de atualizar o que estava parado desde 1994.

"Muita coisa aconteceu de lá pra cá e necessitava ser descoberta, até para o bem da Ciência. Não há nenhum vínculo ou compromisso de fazer um trabalho para o governo. Queremos colaborar", frisa", diz Cerri, engenheiro agrônomo formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1971. Nascido em São Carlos (SP), Carlos Cerri recebeu o título de cidadão piracicabano e já se sente um filho da terra onde o peixe para.

PROPOSTAS. O próximo passo será a compilação de propostas para a redução da emissão de gases. Na lista do que deve ser alterado, aparecem, de maneira imperativa, a redução do desmatamento, mudanças no sistema de queimada, incluindo a da palha da cana-de-açúcar, e a produção de etanol (álcool combustível) e de biodiesel mais limpos, menos poluentes.

A divulgação, entretanto, será publicada em revista científica, conforme o primeiro estudo. O objetivo é de que o teor do novo levantamento provoque, segundo Cerri, tanto na comunidade científica quanto em segmentos do poder público ou na própria população, o interesse por mudanças.

Para o estudo sobre a emissão de gases a partir de 1994, cinco fontes serviram de parâmetro: energia, processos industriais, agricultura, mudança de uso da terra e resíduos, bem como suas subfontes.

Além do professor Carlos Cerri, compuseram o grupo os pesquisadores Stoecio Malta Ferreira Maia,

Marcelo Valadares Galdos, Carlos Eduardo Pellegrino Cerri, Brigitte Josefine Feigl e Martial Bernoux. Os experts calcularam as emissões a cada cinco anos, ou seja, em 1990, 1995, 2000 e, finalmente, 2005.

“Não existe nada de folclore, é real”

No chamado 'olho do furacão' do estudo realizado pelos cientistas do Cena, está a pecuária. Criação de pastagens e as consequentes emissões provocadas pelo gado aparecem como determinantes.

De acordo com o professor-titular Carlos Cerri, existe toda uma sequência de fatores que acaba desencadeando um quadro visto, em princípio, como algo irreal. Nada disso, garante Cerri.

"O gado consome capim, que vai para o rúmen, onde é fermentado. Nesse processo, se dá a emissão de metano pela eructação (arroto, segundo o dicionário Novo Aurélio) e pelas fezes e, também, de óxido nitroso pela decomposição da urina no solo. Tudo isso parece folclórico, mas é importante. Isso porque o metano e o óxido nitroso são gases que têm alto potencial para aquecer a atmosfera terrestre a níveis até 300 vezes maiores que o gás carbônico", afirma.

Dessa forma, o estudo aponta maneiras de trabalhar com uma pecuária mais técnica para o melhor aproveitamento das áreas atuais sob pastagens e, em consequência, reduzir as emissões pelo setor. O pesquisador destaca que, no Brasil, a atual área ocupada com pastagens é bastante extensa.

No entanto, muitas delas apresentam algum estágio de degradação ou baixa produtividade. "Hoje em dia, no País, a ocupação média é de 0,9 cabeças de gado por hectare (cada hectare equivale a 10 mil metros quadrados de extensão)", salienta.

Nos próximos 10 anos, ainda segundo o estudo feito por experts do Cena, o Brasil precisa de 20 milhões de hectares para acomodar as expectativas de expansão na produção de alimentos, fibras e biocombustíveis para suprir as necessidades internas e exportar. "Precisamos de mais soja, milho, arroz, trigo, algodão, cana-de-açúcar e oleaginosas para os biocombustíveis.

O grande desafio é expandir sem novos desmatamentos. A saída? Carlos Cerri confirma: a adoção de planejamento estratégico adequado nas áreas já ocupadas pela agricultura e pecuária.